

COMO FAÇO PARA O MEU FILHO ME OBEDECER?



PREFÁCIO

Mãe, você vai conseguir. Pai, você vai sobreviver!

Olá, queridos pais e educadores,

É com alegria que eu compartilho esse material com vocês.

A minha principal premissa é o diálogo! Afinal, eu acredito que essa seja a melhor maneira de se comunicar com os filhos e resolver conflitos. Contudo, sei que no processo de educação surgem muitas dúvidas e o diálogo acaba sendo transformado em sermão e ameaças, deixando de lado momentos de reflexão e aprendizagem. É justamente isso que eu quero resgatar!

O meu objetivo é orientar vocês, pais e educadores, sobre as melhores formas de educar as crianças. Para isso, utilizo o embasamento científico da Psicologia Positiva, que consiste em um olhar para o funcionamento positivo do ser humano, ou seja, com o foco nas forças e não nas fraquezas, visando modificar comportamentos desagradáveis.

Espero contribuir para um lar mais saudável e positivo!

Um grande beijo, Gabriela Luxo.

Sumário

Introdução	4
Capítulo 1: Eduque sem chantagem e ameaças	6
Capítulo 2: Não ressalte os erros	9
Capítulo 3: Encoraje as atitudes positivas	12
Capítulo 4: Explique o que você deseja	15
Capítulo 5: Separe um tempo só para vocês	18
Capítulo 6: O segredo em 9 passos	21
Capítulo 7: Aprenda com os seus erros	26
Capítulo 8: Seja o exemplo	29
Conclusão	33
Sobre o Diálogo Positivo	34

INTRODUÇÃO

Como faço para o meu filho me obedecer?

O primeiro passo ao educar as crianças é pensar na educação emocional, um tema bem diferente da educação formal e um assunto muito falado hoje em dia. Comece não desmerecendo os sentimentos da criança. O que pode ser fácil para você, pode ser muito difícil para outra pessoa e mil vezes mais para uma criança. Esqueça frases do tipo: “isso não é nada, você tem tudo, pare de chorar, que besteira, etc.” Isso invalida os sentimentos da criança e não a ajuda em nada na hora de expressar suas emoções.

Cada um é cada um! O que deu certo para um filho pode não dar certo para o outro e não queira isso. Esse tipo de comportamento culminará em comparações e rótulos, pois, ao fazermos comparações, estamos concluindo que um filho é a versão correta e o outro, a errada.

Muitos pais têm medo de serem punitivos e acabam sendo permissivos demais. Temos que pensar que a mudança de comportamento que queremos pode acontecer em longo prazo, mas que a cooperação precisa ser imediata; então, precisaremos de firmeza! Já quando utilizamos punição estamos resolvendo um problema pontual. O castigo, por exemplo, resolve o problema de imediato, mas não ensina a criança a identificar

o comportamento ruim para mudá-lo futuramente. É isso que queremos? Não!

Queremos algo que realmente funcione em longo prazo. Além disso, o castigo pode desenvolver comportamentos submissos e ameaçadores entre pais e filhos, pois, muitas vezes, no momento da raiva, os pais impõem castigos difíceis de serem cumpridos e acabam esmorecendo e desistindo da penalidade! Nesse momento, a ameaça tem o resultado contrário, ou seja, ela não resolve o comportamento errado, só o torna pior. Com isso, nos deparamos com um problema muito grave hoje em dia: o do não cumprimento de regras. Qual a relação entre ameaças e o não cumprimento de regras?

Bom, no momento em que os pais não cumprem o que prometeram eles acabam ensinando que regras não precisam ser cumpridas, além de não ensinarem o respeito pelas figuras de autoridade, que são eles mesmos. A banalização das regras pode acabar em chantagens emocionais, além de agressividade verbal e uma baixíssima autoestima. Começamos então a lidar com um comportamento antissocial, consequência de uma educação repleta de ameaças e chantagens.

Se você passou por isso e precisa de ajuda, ótimo! Você está no caminho certo. Vamos reverter esse quadro juntos!

EDUQUE SEM CHANTAGEM E AMEAÇAS



CAPÍTULO 1

Não precisa bater, xingar e nem gritar.

Bem, imagino que você já tenha entendido que chantagens e ameaças devem ficar de fora, pois geram um sentimento terrível chamado “culpa”, mas como eu vou educar meu filho se castigo e ameaças não são eficazes? Irei te responder isso com apenas uma palavra: consequências.

As crianças precisam entender que determinados comportamentos podem causar consequências para elas mesmas. Assim sendo, quando extrapolarem limites previamente estabelecidos, elas terão uma consequência. Será que isso poderia ser chamado de castigo pelos leigos ou de punição negativa pelos psicólogos? Pode até ser, mas não se preocupe com o nome. Você pode até chamar de castigo, mas entenda que não é necessário bater, xingar ou gritar. Nunca use a punição física. Quer saber por qual motivo?

Quando os pais chegam ao ponto de bater em uma criança é porque estão com raiva, nervosos e é nesse momento que acham que estão ensinando algo, que estão transmitindo poder, autoridade. Porém, ao contrário, não estão ensinando nada além de como resolver as coisas no tapa! Após o ocorrido, pais e filhos olham para a situação até envergonhados, pois percebem que não adiantou nada. Pais ficam frustrados por não terem atingido

o que queriam e as crianças ficam chateadas, chorando pela dor e pelo susto. Sim, muitas vezes o susto de levar uma palmada (seja ela leve ou forte e não vou entrar nesse mérito, pois é muito complicado dizer que uma palmadinha é ok e uma “palmadona” é um problema) é maior que a dor ou que o problema em si.

Ver alguém descontrolado gritando é assustador, não é? A criança acaba ficando em estado de choque e acaba obedecendo naquele momento. É por isso que punição física tem efeito imediato, pois assusta. Porém, o efeito é apenas imediato, ele tem prazo de validade. Vamos deixar de lado essa punição física, afinal não é o que queremos, queremos SOLUÇÃO!

“Ok, o que posso fazer se eu estiver quase tendo um ataque de nervos?”

Algo viável e possível é conter a criança. Conter a criança é abraçá-la, segurá-la, mas não apertando os seus braços ou beliscando (lembre-se de que não falarei de punição física leve ou forte, então...). Você pode abaixar, olhar para ela, segurá-la ou retirá-la do chão – caso seja um ataque em locais públicos – e repetir as instruções iniciais sem se alongar muito. Isso basta para mostrar autoridade aos pequenos.

Lembre-se de que precisamos de firmeza! A estabilidade é algo muito relevante também. Aja sempre da mesma forma. Uma educação que vacila, não transmite segurança.

**NÃO
RESSALTE
OS ERROS**



CAPÍTULO 2

Evidenciar as falhas não faz bem para ninguém.

Muito menos para uma criança!

Não é uma tarefa fácil, mas nós precisamos elogiar e destacar os comportamentos positivos, em outras palavras, promover vínculos e deixar de criticar e ressaltar os erros! Por exemplo, seu filho pode ter 80% de comportamentos positivos e 20% de comportamentos negativos, mas quais são os destacados? Sempre os negativos! Os pais, muitas vezes, são testados pelos pequenos. Isso é normal, eles testam limites e regras para verem até onde podem chegar. Nesse momento, a atitude ideal é: o redirecionamento.

O primeiro passo é elencar os pontos positivos da criança. Pode acreditar, até mesmo a criança mais problemática tem pontos positivos! Muitas vezes a criança está, justamente, usando seu ponto positivo de forma errada e o que ela faz acaba se tornando negativo/errado. E, então, o que é redirecionar o comportamento?

Quando uma criança não está tendo a conduta que deveria ter, devemos ensinar a ela o que ela poderia fazer de positivo naquela situação. Por exemplo, um garotinho que não consegue se organizar e não gosta de guardar os brinquedos depois de brincar: em vez de dizermos que ele é bagunceiro e que não

sabe fazer o que é esperado para a sua idade, que tal alterar o foco? Você pode dizer a ele que ele será o líder da organização e ensiná-lo como deve guardar os itens. Depois peça para ele liderar o “grupo da organização” com os demais colegas da classe ou com a própria família. O importante nessa situação é quando o adulto respeita a criança e quando a criança é envolvida na decisão. Fale para ela opinar, ou seja, envolva-a na situação. Fale para ela se colocar na situação inversa, por exemplo:

“Filho, você gostaria de ficar no meio da bagunça que o seu colega fez?”

Faça a criança reconhecer o que aconteceu. Quando ela se coloca no lugar do outro, aprende a ser empática e reconhece que o que fez pode ter sido ruim ou incômodo para alguém. Ela deve ser encorajada a assumir o próprio erro e fazer algo em relação a isso, como, por exemplo, pedir desculpas ou até mesmo recompensar a pessoa de alguma forma.

ENCORAJE AS ATITUDES POSITIVAS



CAPÍTULO 3

É importantíssimo o estímulo de bons comportamentos.

Incentivar a criança a resolver o próprio problema ensina a ela responsabilidade social e autoconfiança. Além disso, o encorajamento é muito importante, pois estimula diferentes atitudes em vez de impô-las. É uma oportunidade para a criança aprender e resolver os seus problemas, mas como saber se estou encorajando ou não? Fácil! Pense se você está vendo o seu ponto de vista ou o da criança e se você está sendo atencioso ou paternalista. Por exemplo, veja a diferença entre:

| “*Estou orgulhoso do seu desempenho*” e “*O seu desempenho é resultado do seu esforço*”.

A segunda frase reconhece a autoria e a responsabilidade pelo esforço feito e a primeira, tira o foco da autoria. Veja mais essas duas frases:

| “*Você fez bem*” e “*Você fez o seu melhor*”.

Deu para notar a diferença? Ressalte o que a criança tem de positivo e, desta forma, faça com que ela perceba suas capacidades.

Com essas atitudes, ela aprende que é responsável por seus próprios comportamentos sem medo de sentir culpa e/ou vergonha. Muitos pais corrigem os problemas, fazendo as crianças sentirem culpa pelo que fizeram e muitas vezes a expõem para que ela seja julgada e até mesmo humilhada. Isso não ensina nem educa nada! Devemos usar o encorajamento como uma oportunidade de aprendizado e não de punição. A crítica não constrói, ela derruba. Questione em vez de apontar as possíveis dificuldades da criança. Essa é uma forma dela avaliar os próprios erros. Pratique com o seu filho o Questionamento Positivo:

“Em quais matérias você está indo bem? Em quais você poderia melhorar? Quais são os seus objetivos? Que plano podemos traçar para atingir os nossos objetivos?”

EXPLIQUE O QUE VOCÊ DESEJA



CAPÍTULO 4

Consiga o que você quer, mostrando como se faz.

Explique e ensine. Temos uma tendência em achar que ao pedir para a criança arrumar o quarto, por exemplo, ela irá fazer da forma que idealizamos. Uma dúvida... Você explicou e ensinou como ela deveria fazer?

Muitas vezes a resposta é “não”. Muitas vezes os pais não especificam como querem essa tal arrumação. Pode ser que para a criança, arrumar o quarto seja apenas colocar as roupas dentro do cesto de roupas sujas ou dentro do armário, mas não colocar a toalha no banheiro, os brinquedos nos devidos lugares e o copo na cozinha! Enfim, explique, dê o passo a passo e, somente depois disso, você poderá cobrar a organização!

Muitos pais relatam, com grande surpresa, o fato do filho não saber lavar louça ou arrumar o quarto, embora saiba executar tarefas mais complexas. Infelizmente, na maioria das vezes, essa criança ou adolescente não foi orientada(o).

Orientação Positiva é um termo de destaque e junto com ele está outro tão importante quanto: o diálogo. Muitas vezes falta diálogo, conversa, explicação. Dependendo da tarefa e da complexidade dela *versus* a faixa etária, é interessante deixar o passo a passo por escrito, seja na geladeira ou em um local onde

todos da casa irão olhar. Não vamos cair no ciclo de solicitar ao filho algo que ele não saiba fazer de modo a atender às suas expectativas para não correr o risco de você acabar chateada e ele, frustrado.

Só não se esqueça, como citamos no segundo capítulo, o seu possível comentário negativo pode causar repulsa para quem gastou tanto tempo tentando fazer o melhor que podia!

Ah, e antes de colocar as mãos na massa, você pode recapitular, oralmente, tudo o que a criança precisará fazer para checar se ela entendeu!

SEpare um TEMPO SÓ PARA VOCÊS



CAPÍTULO 5

Uma pausa na rotina para o diálogo entre pais e filhos é bom para todos!

Parece óbvio, mas a criança que se sente amparada consegue resolver com maior facilidade as suas próprias emoções e, consequentemente, agir melhor diante de novos desafios.

A partir dos dois anos de idade você pode combinar com a criança uma Pausa Positiva. Um tempo exclusivo para o seu filho(a)! É aquele momento em que o tempo será dedicado somente para ele e cujo objetivo é fazer as crianças se sentirem melhor, não de fazê-las se sentirem pior ou “pagando” pelo que fizeram. É um momento para um diálogo sobre algum conflito (se houver) ou para a execução de alguma atividade juntos.

Idealmente, essa pausa pode durar entre 30 e 45 minutos, uma ou duas vezes na semana. Nesse momento, não vale a TV estar ligada, o celular em mãos ou o computador próximo. Use esse tempo para o que é diferente, em vez de algo rotineiro. Vocês podem elaborar as atividades desse tempo juntos. Faça uma lista de desejos (jantar diferente, jogos educativos diversos, banhos divertidos com adesivos ou tinta para box, etc.). Caso vocês não consigam fazer e executar os itens da lista, uma opção é aproveitar a Pausa Positiva para pedir para a criança contar

uma experiência positiva e uma negativa que ela tenha tido no seu dia. Essa é uma forma das crianças se sentirem especiais, ouvidas. Também é interessante os pais contarem as experiências positivas e negativas deles, principalmente se a criança não tiver nada sobre ela para contar.

Com o tempo e com todos unidos, aparecerão várias ideias para a resolução das experiências negativas e os problemas começarão a desaparecer. As coisas positivas acabarão ganhando mais espaço e as crianças irão perceber o seu próprio poder de ir atrás de uma solução!

Lembre-se, esse tempo não exclui aqueles passeios juntos aos finais de semana, ok? Afinal, precisamos de um vínculo positivo, mas isso é um assunto para outra ocasião...

O SEGREDO EM 9 PASSOS



CAPÍTULO 6

Lembre-se dessas dicas e tudo ficará bem!

As crianças devem obedecer aos pais, principalmente, por respeito. Para isso, os pais devem estar bem resolvidos consigo mesmos. Sabemos que os pais sempre estão em processo de aprendizagem, mas quando eles sabem lidar com as próprias emoções, tudo se torna mais fácil. Essa autoanálise é importante para, primeiramente: mapear as próprias emoções e, em seguida, observar quais são as principais alavancas para se acalmar, diante de uma cena de estresse na educação com os filhos. Por fim, o foco deve ser primeiro nos pais, nos possíveis medos e fantasias deles e depois nas crianças.

A partir do momento em que a criança se sente compreendida, ela aceita que os pais conversem com ela e a ajudem. Por isso a importância dos pais perceberem que, se estão ficando nervosos, devem saber se controlar e refletir sobre o que está acontecendo para depois se vincularem à criança e se aproximarem dela. É uma forma da criança perder o medo dos castigos que os pais impõem e mudarem de comportamento, ou seja, é a transição entre o medo e a cooperação. Sem mais delongas, confira os 9 passos:

1. Seja empático antes de colocar limites. Por exemplo, em vez de gritar para a criança sair do sofá, você pode dizer: “uau, que legal pular no sofá, parece super divertido!” – nesse momento tire a criança do sofá – abraçando-a e diga que, desse jeito, ela poderá quebrá-lo. Pergunte para a criança a regra, e, então, diga para ela pular em outro local (redirecione a criança para onde ela poderá pular);
2. Fale o que ela pode fazer em vez do que ela não pode fazer. Por exemplo, enquanto você penteia o cabelo da sua filha, em vez de dizer: “pare de se mexer”, você pode dizer: “que tal brincar de estátua?”. Isso irá motivá-la. Nesse momento existem dois ganhos, ou seja, a criança irá obedecer e a mãe não irá se estressar;
3. Muitas vezes, você quer ir por um caminho e o seu filho por outro. Por exemplo: se você fizer brócolis para o jantar e souber que ele não gosta, não insista. Faça dois tipos de legumes ou apenas um que todos gostem. Desta forma, não haverá estresse. Muitos pais forçam situações desnecessárias. Nesse caso, todos saem ganhando e a criança não deixará de comer;
4. Quando possível, dê escolhas a ele: dê opções de resoluções para algo que ele não queira fazer, veja o que funciona melhor para ele. Se ele não quiser lavar a cabeça, você pode propor: “você quer lavar a cabeça no chuveiro ou na banheira?” – em vez de forçá-lo;

5. Crie condições: diga para a criança que após organizar todos os brinquedos, ela poderá fazer outra coisa, como, por exemplo: brincar;
6. Em vez de pressionar a criança, dê tempo a ela, tente identificar quando ela estará pronta para determinado afazer. Por exemplo: se ela precisar colocar determinado sapato apropriado para a chuva, deixe-a fazendo isso sozinha e no tempo dela, enquanto você faz outra coisa. Deixe claro para a criança que enquanto ela faz isso os pais farão outra coisa. Os pais também poderão questioná-la sobre quanto tempo ela acha que levará para executar essa tarefa. “Você acha que irá demorar 1 ou 5 minutos? ”;
7. E se a família estiver com pressa? Como fazer isso? Demonstre empatia com a situação dizendo, por exemplo: “Uau, veja como estamos atrasados! Precisamos trabalhar juntos para não nos atrasarmos depois, vamos lá, coloque o seu tênis...” Peça para a criança cooperar com a situação. Expresse os seus sentimentos. Quando a criança se vincular aos pais, ela demonstrará empatia;
8. Faça a criança ter uma opinião válida na constituição da família. A criança precisa ter e saber do seu valor no ambiente familiar. Com maior participação, ela será mais responsiva ao que os pais querem. Por exemplo: vamos supor que o jantar tenha acabado e que a criança queira sair correndo da mesa. Vá até a criança, abrace-a e, com carinho, diga que você fica orgulhosa que todos da família gostem de cooperar e levar

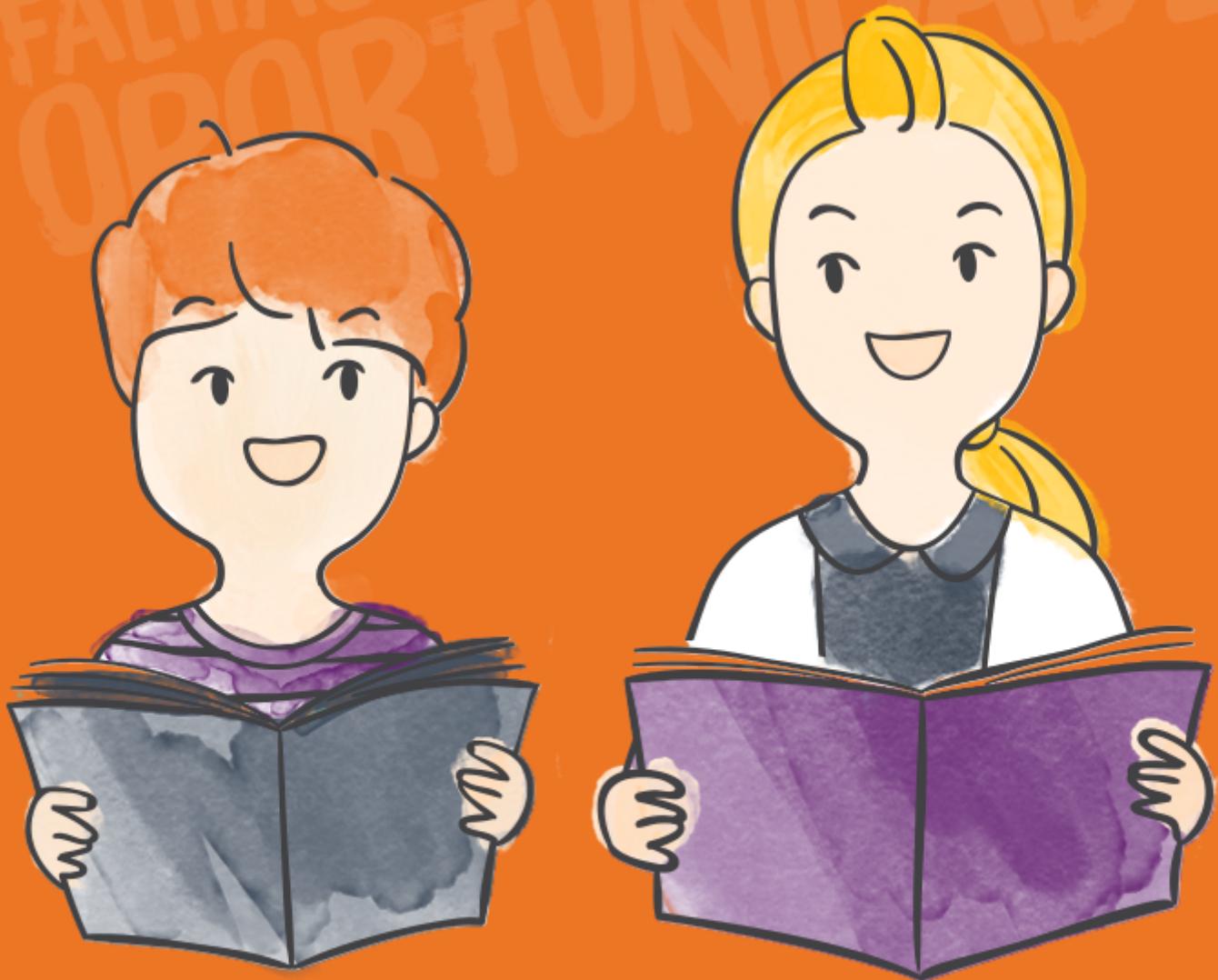
o prato para a pia na cozinha. Depois disso, a criança se sentirá com vontade de fazer as coisas junto com a família, afinal, neste momento, todos estão fazendo... Ela se sentirá tão valorizada que fará aquilo novamente e, em alguns casos, até buscará um segundo prato na mesa!;

9. Tente entender o motivo da criança estar agindo de determinada forma. Se um irmão fala mal do outro, por exemplo, investigue o motivo, em vez de logo apontar quem está errado.

E se você tentar colocar tudo isso em prática, mas, mesmo assim, não der certo?

APRENDA COM OS SEUS ERROS

FALHAS SÃO
OPORTUNIDADES



CAPÍTULO 7

O erro é o seu melhor professor.

Devemos pensar que os erros são ótimas oportunidades para a aprendizagem. Não devemos ter vergonha deles. Muitos pais ficam mais preocupados com o que o vizinho e os amigos dirão do que com o próprio aprendizado do filho. Não relacionem uma criança que não muda o comportamento *versus* pais que não fizeram um bom trabalho!

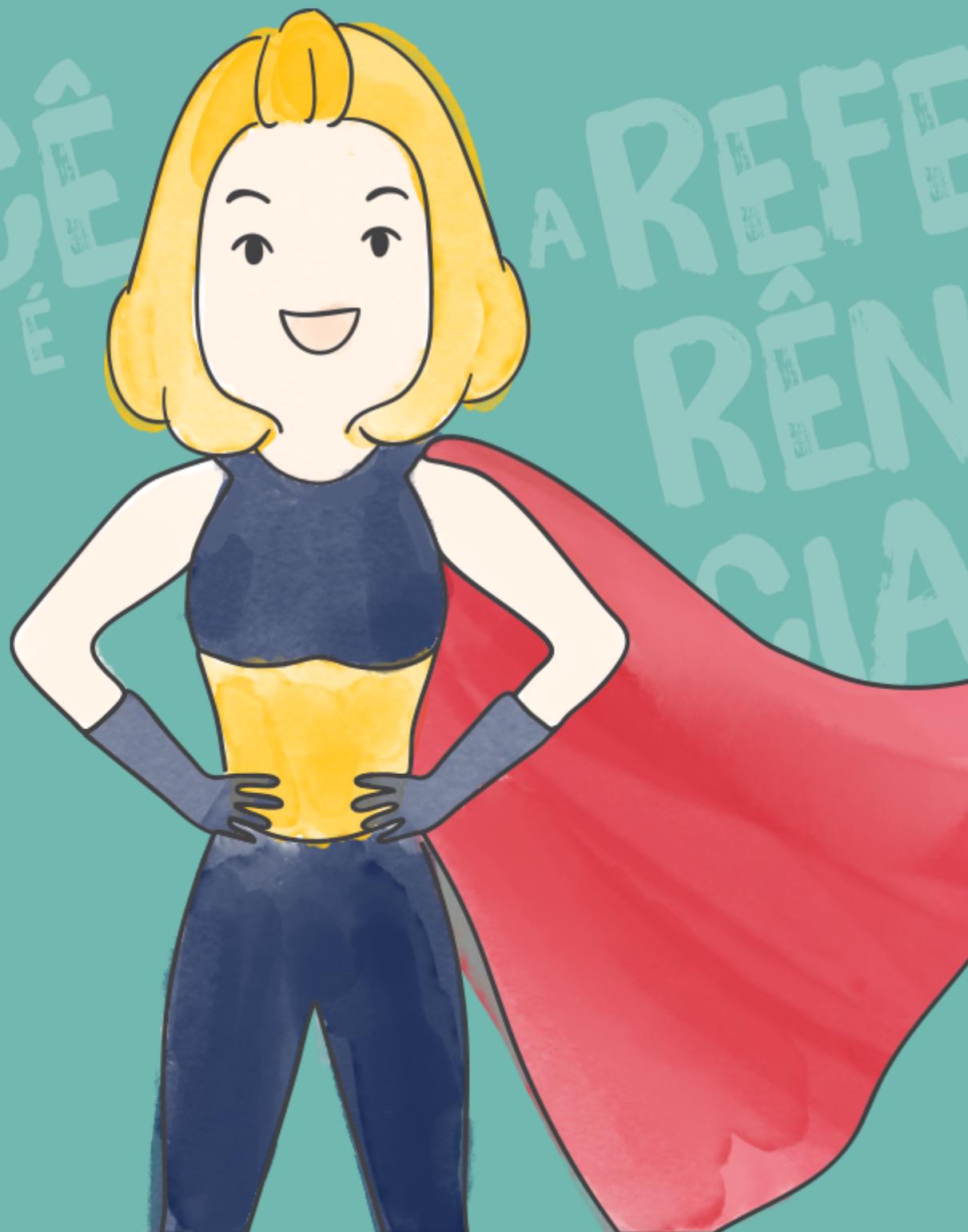
Não se sinta impotente, pois poderá acabar agindo de forma “errada”, muitas vezes impondo culpa, fazendo a criança passar vergonha ou batendo nela, apenas para ver uma solução imediata... Atente-se! Isso pode ser bem pior futuramente! Os pais acham que não ter essa conduta significa ser permissivo. Não é isso! O foco agora é nas possibilidades de aprender com os erros! Precisamos ensinar as crianças a verem o erro como uma forma de aprendizado. Sabe aquela frase:

“Quando tudo parece dar errado acontecem coisas boas que não teriam acontecido se tudo tivesse dado certo?”

Pois é... Vamos mostrar força para os pequenos aceitarem as imperfeições, vamos motivar a melhora em vez da repulsa com o erro.

Nesse mesmo sentido, outro ponto muito importante é que os pais, independentemente do tipo de configuração familiar, mas que cuidam diariamente da criança, devem manter a mesma linguagem.

SEJA O EXEMPLO



CAPÍTULO 8

Os pais são o principal modelo para a criança.

É de extrema importância que os cuidadores demonstrem sintonia, estabilidade e o máximo de concordância. Um casal mal resolvido gera disputa de poder e, até mesmo sem perceberem, utilizam a criança para atacar um ao outro. A esse comportamento damos o nome de alienação parental, algo devastador para todos os envolvidos. Se você desmerece o seu parceiro(a) publicamente, se demonstra fala agressiva e o desautoriza diante da criança, pode ter certeza de que o resultado de tudo isso aparecerá no seu filho. Você já ouviu esse diálogo? Veja só...

Criança: Pai, eu posso ir ao passeio da escola?

Pai: Pergunte pra sua mãe!

Filho: Mãe, eu posso ir ao passeio da escola?

Mãe: Eu falei com o seu pai, mas ele não resolveu.

Filho: Mãe, mas eu acabei de perguntar para ele e ele disse para eu perguntar para você.

Mãe: Vou ver com ele...

Filho: Pai, a mamãe disse que ela falou com você, mas que você não resolveu...

Pai: Ela não me disse nada sobre isso. Não estou sabendo.

Uma pergunta: parece que essas três pessoas moram na mesma casa e se veem todos os dias? Imagino que você tenha respondido: “não”.

As crianças são muito perspicazes para perceber, detalhadamente, a postura e os deslizes dos pais. Então, se o seu parceiro(a) autorizou a criança a fazer algo que você não autorizaria, como, por exemplo, comer balas durante a semana, não xingue os dois... A criança irá perceber que quem manda na casa é você, afinal você o(a) desautorizou (a partir do xingamento) e, provavelmente, quando ela quiser fazer alguma coisa que ela julgue que você não irá concordar, quem ela irá procurar? Aquele(a) que deixou! Essa pessoa acaba fazendo um papel de “pamonha”, aquele(a) que não manda, que não tem autoridade. Quando essa pessoa quiser dar uma ordem, certamente, a criança ou o adolescente, irá desmerecer-lo(a) como você mesma(o) fez! Caso isso aconteça, qual a melhor postura?

Primeiro tente conter a raiva, mostre que está tudo sob controle e diga:

“Hoje eu vi que o papai fez algo muito especial para você. Geralmente não comemos balas durante a semana”.

Depois, bem distante da criança, converse com o seu parceiro, diga que não gostou da liberdade que ele forneceu e combinem como poderão fazer numa próxima vez. Discutam bastante sobre as regras, ponderem lados positivos e negativos. Longe da criança, vocês podem brigar, xingar e gritar, mas na frente

dela não façam isso. Será “um tiro no próprio pé”. Na frente dela precisarão mostrar que estão unidos e que validam a ideia um do outro, formando uma identidade daquela família. Durante as brigas, não grite; inclusive, com as crianças. Gritar com crianças tem um efeito totalmente contrário do que imaginamos. Ao ouvir o grito, a criança acaba obedecendo pelo medo, pelo susto (pelo barulho alto do grito) e não por, realmente, ter compreendido a moral da história! Que tal estabelecer um diálogo positivo?

O meu principal objetivo com o diálogo positivo é permitir que as crianças aprendam, refletindo sobre a situação. Não quero impor atitudes certas ou erradas. Quero que elas compreendam os motivos. Para isso, pretendo despertar interesse e vontade para encontrar novas soluções. Quero que faça sentido para elas! Elas não vão fazer tudo certo de imediato, serão necessários muito tempo e treino, mas elas vão aprender. Para isso, os adultos precisam investir tempo e paciência. Desta forma, poderão expor suas ideias criativas para novas resoluções. Sobre o diálogo com as crianças, uma dica importante: é interessante sempre responder a uma pergunta infantil com outra pergunta. Muitas vezes somos surpreendidos pelo conteúdo!

CONCLUSÃO

Enfim, chegamos ao final.

Se você chegou até aqui com uma nova concepção sobre o processo de criação de filhos, parabéns! Isso mostra que você é um(a) pai(mãe) que se importa com o futuro de seu(s) filho(s) e que está disposto(a) a evoluir sempre.

Também vale a pena lembrar que educar uma criança é uma tarefa diária e constante, exigindo muita energia e tempo. Acredite, vai dar tudo certo!

Eu agradeço por você ter baixado o meu e-book e, espero, sinceramente, que ele possa auxiliar na construção de um lar saudável.

SOBRE O DIÁLOGO POSITIVO

Atitudes transformam.

Assim como uma boa história que envolve, ensina e emociona, o diálogo correto pode transformar a vida de uma criança.

Foi pensando nisso que eu idealizei o Diálogo Positivo. O meu objetivo sempre foi orientar pais, responsáveis, educadores e demais interessados na longa jornada educacional e, em específico, no trato com as crianças e adolescentes. Sou Psicóloga (CRP 06/96928), Psicopedagoga, Mestre e Doutora em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós-graduada em Terapia Cognitivo - Comportamental pela PUC-RS e pós-graduada em Psicologia Positiva também pela PUC-RS. Há mais de 15 anos atuo na área clínica e educacional, sempre aprimorando os meus estudos e pesquisas. No meu doutorado aprofundei conhecimentos científicos sobre família, ou seja, pesquisei o quanto os pais desenvolvem e interferem no potencial cognitivo de seus filhos e a partir dele nasceu o Diálogo Positivo.



Acesse o site e o Instagram para saber mais sobre o meu trabalho!

 dialogopositive

www.dialogopositive.com.br

diálogo positivo

ATITUDES TRANSFORMAM